

NARRATIVAS VISUAIS DE TRAJETÓRIAS DOCENTES

■ CARLA JULIANA GALVÃO ALVES

<https://orcid.org/0000-0001-7974-1490>

Universidade Estadual de Londrina

■ RONALDO ALEXANDRE DE OLIVEIRA

<https://orcid.org/0000-0001-6173-7995>

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo contribuir com o debate a respeito de práticas e processos de pesquisa envolvendo as narrativas biográficas de formação em contextos de formação de professores de arte. Para este artigo, pautamo-nos pelo seguinte questionamento: de que modo a arte, seus procedimentos, objetos, imagens ou conceitos podem nos ajudar a encontrar novos modos de narrar, perceber e olhar para si e para a própria formação? O trabalho foi realizado com um grupo de estudantes e professores de Artes Visuais. Adotamos como principal referencial teórico-metodológico a pesquisa narrativa, e utilizamos diferentes recursos envolvendo narrativas visuais que permitissem aos envolvidos na pesquisa rever e ressignificar suas trajetórias de formação, a fim de ampliar nossa compreensão a respeito da formação em Arte. Como resultado, foi possível perceber que as narrativas visuais fornecem uma forma alternativa de narrar, de perceber e de interpretar conteúdos subjetivos, polissêmicos, complexos, podendo trazer grandes contribuições nesse sentido, não apenas para as pesquisas na própria área mas para todas aquelas nas quais a abordagem narrativo-biográfica tem sido utilizada.

Palavras-chave: Formação de professores. Artes visuais. Pesquisa biográfico-narrativa. Pesquisa narrativa. Narrativas visuais.

ABSTRACT

VISUAL NARRATIVES OF TEACHING TRAJECTORIES

This work aims to contribute to the debate about research practices and processes involving the biographical narratives of formation in contexts of art teacher's education. Our reflections are the result of research that investigated the formation of Visual Arts teachers from an autobiographical perspective. For this article we are guided by the following question: how can art, its procedures, objects, images

or concepts help us to find new ways of narrating, perceiving and looking at oneself? We focused on the work carried out with a group of students and teachers of Arts. We chose narrative research as the main theoretical-methodological framework, and used different resources involving visual narratives that allowed those involved in the research to review and re-signify their training trajectories, in order to broaden our understanding of art training. As a result, it was possible to perceive that visual narratives provide an alternative way of narrating, perceiving and interpreting subjective, polysemic, complex contents, and can bring great contributions in this sense, not only for research in the area itself but for all those in which the narrative-biographical approach has been used.

Keywords: Teacher's Education; Narrative research; Biographical-narrative research; visual arts; visual narratives.

RESUMEN

NARRATIVAS VISUALES DE TRAYECTORIAS DOCENTES

Este trabajo tiene como objetivo contribuir al debate sobre prácticas y procesos de investigación que involucran las narrativas biográficas de formación en contextos de formación de profesores de arte. Nuestras reflexiones son el resultado de una investigación que acerca de la formación de profesores de Artes Visuales en una perspectiva autobiográfica. Para este artículo nos guiamos por la siguiente pregunta: ¿cómo puede el arte, sus procedimientos, objetos, imágenes o conceptos ayudarnos a encontrar nuevas formas de narrar, percibir y mirarnos a uno mismo? Nos enfocamos en el trabajo realizado con un grupo de estudiantes y profesores de Artes. Adoptamos como marco teórico y metodológico a investigación narrativa, y utilizamos narrativas visuales, combinadas con las narrativas orales y escritas, tradicionalmente utilizadas en este enfoque, como estrategia principal. Como resultado, se pudo percibir que las narrativas visuales brindan una forma alternativa de narrar, percibir e interpretar contenidos subjetivos, polisémicos, complejos, y pueden traer grandes aportes en ese sentido, no solo para la investigación en el área en sí, sino para todos aquellos en el que se ha utilizado el enfoque narrativo-biográfico.

Palavras chave: Formación docente; investigación biográfico-narrativa; investigación narrativa; artes visuales; narrativas visuales.

As narrativas visuais como estratégias de formação e de pesquisa

Nosso contato com as narrativas autobiográficas de formação teve início há pouco mais que uma década, e vem balizando nossas atividades de pesquisa, ensino e extensão, voltadas para a formação inicial e continuada de professores de Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Ao longo de nossa atuação acadêmica, as narrativas biográficas foram sendo incorporadas às disciplinas que ministramos na área de Fundamentos do Ensino, aos estágios, às práticas de formação de professores das secretarias estaduais e municipais de educação, e como estratégia de pesquisa. Mais recentemente, decidimos aprofundar nossas reflexões a respeito de suas contribuições e possibilidades em um projeto de pesquisa,¹ fundamentando-nos principalmente nos trabalhos de Josso (2004, 2020), Dominicé (2010), Hernández (2005), ampliando o diálogo com autores do campo da pesquisa em Arte, como Tourinho, Martins e Souza (2017), Charréu (2019), Marin-Viadel e Roldán (2012). O principal objetivo foi compreender como as experiências pessoais com a arte e a educação, vividas por professores de Artes Visuais, influenciam suas trajetórias e atuação profissional, bem como a construção de suas identidades docentes. Interessava-nos conhecer e dar a conhecer como cada um dos sujeitos se sente e se percebe como docente, de modo a envolvê-los na descoberta de si mesmos e de seus próprios processos formativos por meio das narrativas autobiográficas e da experiência da arte. De que modo a arte, seus procedimentos, objetos, imagens ou conceitos poderiam nos ajudar a

encontrar novos modos de narrar, perceber e olhar para si?

Dentre as atividades inerentes à pesquisa, trazemos para compartilhar neste artigo as reflexões resultantes de um trabalho realizado com um grupo de estudos e formação, composto por professores da Educação Básica, estudantes de graduação dos cursos de Artes Visuais e Design de Moda.² Como já apontaram os autores referidos, a abordagem biográfica possui um caráter formador indissociável da pesquisa, que envolve pesquisadores e participantes em processos colaborativos em busca de soluções e melhores compreensões a respeito das questões que envolvem a docência. Foi dessa forma que iniciamos um percurso de reflexões a partir da elaboração de narrativa visuais, orais e escritas. Ao longo de seis meses, fizemos uso de diferentes recursos – autorretratos, cartografias, vestimentas autobiográficas, fotografias, foto-ensaios – que pusessem em movimentos processos rememorative e narrativos por meio da visualidade. Os estudos de Martins (2013) nos ajudam a dimensionar o papel da visualidade e do uso das imagens nessa perspectiva de pesquisa.

Trabalhar com imagens é articular idas e vindas no tempo, inventando mundos e narrando histórias. É escolher e organizar fluxos imagéticos que se espalham no tempo, realidades múltiplas que se constroem, ficções que se tornam realidades. Ao pensar com imagens, buscamos possibilidades de promover outros espaços e ideias, extraindo dos fluxos do tempo oportunidades

1 O projeto de pesquisa “A formação do professor de artes visuais em uma perspectiva autobiográfica” está cadastrado sob nº 10817, na UEL, e foi realizado no período de 2017 a 2021, sob nossa coordenação.

2 Participaram deste grupo de estudos e formação quatro estudantes de graduação como bolsistas de Iniciação Científica, sendo dez do curso de Artes Visuais e um do curso de Design de Moda, uma estudante de pós-graduação (mestrado em Educação), quatro estudantes de graduação do curso de Artes Visuais como colaboradores, e cinco professoras de Artes atuantes na rede pública de ensino.

de ensinar, aprender, socializar, politizar, educar e criticar nos contrapondo a homogeneidades históricas, artísticas e educacionais. Graças às temporalidades, construímos, recuperamos, revisamos, disputamos, atualizamos e renovamos sentidos e significados. (MARTINS, 2013, p. 85).

Em alguns momentos, essas imagens são potencializadoras do processo de reavivamento das lembranças, funcionando como disparadores de memória. Mas também são formas de narrativa que, juntamente com as modalidades oral e escrita tradicionalmente usadas nesta perspectiva, permitem ao autor revisar suas trajetórias e os acontecimentos que permitiram novas compreensões a respeito da arte, da docência e dos modos de inserir-se nos contextos educativos nos quais atua, com suas imbricadas relações sociais, políticas e econômicas.

Como já apontado por Josso, as narrativas biográficas de formação implicam em um movimento de olhar para si, como docente e como pessoa e resultam na elaboração de um autorretrato:

Assim, uma das dimensões da construção da história de vida na nossa abordagem reside na elaboração de um auto-retrato dinâmico por meio das diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito, as suas opções passivas ou deliberadas, as suas representações e as suas projeções, tanto nos seus aspectos tangíveis como invisíveis para outrem, e talvez ainda não explicitados ou surgidos na consciência do próprio sujeito. (JOSO, 2004, p. 59).

A inserção de narrativas visuais, seja por meio da elaboração de um autorretrato, de cartografias de trajetórias de formação, ou da associação de imagens e objetos a narrativas orais e escritas, tem se mostrado como potente estratégia e recurso investigativo especialmente, mas não exclusivamente, quando se trata da formação de professores que trabalham com a arte e a cultura visual.

Por situarem-se na região fronteira entre a arte, a educação e a pesquisa, nossas investigações fazem uso de uma diversidade de estratégias metodológicas sensíveis e criativas, emprestadas da própria arte, associadas àquelas da pesquisa narrativa, por compartilharem das mesmas preocupações com as dimensões subjetivas, colaborativas e interpretativas dos sujeitos e atividades envolvidos em seus processos. Trata-se de narrativas visuais produzidas e compartilhadas pelo grupo de participantes, no formato de autorretratos, cartografias de formação, vestimentas autobiográficas e ensaios-visuais, sempre entrelaçadas a narrativas orais.

A arte “[...] fornece às histórias de vida condições de possibilidade para que sensações, sonhos, emoções, situações de se colocar em lugar de ‘outros’ possam se entrelaçar a episódios simultaneamente imaginativos reflexivos, projetivos, imaginativos”, como já pontuaram Martins, Tourinho e Souza (2017, p. 14) em uma publicação que reúne textos resultantes de pesquisas e estudos a respeito das interfaces entre a pesquisa narrativa, as histórias de vida, a arte e a educação.

Este trabalho se propõe a contribuir com esse debate colocando foco na inserção e uso das narrativas visuais nestes contextos em que os sujeitos envolvidos participam de forma colaborativa, pesquisadores e pesquisados, interessados em ampliar a compreensão a respeito dos fenômenos, acontecimentos, contextos e circunstâncias em que se dão a formação e o ensino.

Objetos que contam a nossa história

A formação docente é complexa, contínua e extrapola os limites acadêmicos, pois inclui aprendizagens anteriores e exteriores, habilidade técnicas e sociais, construídas e adquiri-

das nos mais diversos círculos de convivência do professor: familiar, social, político, religioso, aproximando-nos do conceito de experiência de vida. De forma que se faz impossível refazer seu processo de elaboração em sua totalidade ou linearidade. Por meio das narrativas autobiográficas de formação, é possível rever as experiências que o constituem e ressignificá-las. Conforme são trazidas à tona no processo de rememoração, tais experiências vão adquirindo um novo sentido e fazem emergir também fios condutores que, ainda que de forma inconsciente, estiveram delineando a trajetória de cada pessoa. Como já haviam observado os autores que fundamentam essa metodologia (JOSSO, 2004, 2020; DOMINICÉ, 2010), e corroboraram diversas outras pesquisas realizadas na área, no Brasil e no exterior, as narrativas apresentam grande diversidade entre si, uma vez que se referem a singulares trajetórias de vida, e fazem emergir “[...] fatos tangíveis, estados de espírito, sensibilidades, pensamentos a propósito de, emoções e sentimentos, bem como atribuição de valores” (JOSSO, 2004, p. 186). O que resulta em uma variedade de temáticas, tônicas e modos de narrar.

Para trazer à tona esses acontecimentos vividos é necessário passar por um processo de rememoração, que requer um planejamento sensível dos pesquisadores no sentido de pensar em estratégias que o favoreçam. Relembrar é um processo associativo que se refina e se enriquece com as outras narrativas do outro e com as questões suscitadas por elas. Daí a importância de serem compartilhadas no grupo.

Com esse intuito, nossa primeira proposição foi a de que cada participante trouxesse de casa um objeto de valor afetivo.³ Partimos

3 A estratégia de trabalhar com imagens e objetos representativos de si mesmos em pesquisas (auto)biográficas foi utilizada por investigadores/formadores em diferentes contextos de pesquisa e de formação de professores no Brasil e no exterior, tal como relatado por Fernando Hernández (2005) e Valeska Oliveira (2006), para citar apenas alguns exemplos. Nos

do pressuposto que a memória está intimamente relacionada à afetividade e é ela que vai definindo no processo de rememoração o que é que vem à tona e o que deve ser esquecido, assim como no processo narrativo, o que deve ser dito ou silenciado. Dado o caráter evocador de memórias e seu consequente papel de substrato para a (re)construção de lembranças, esquecimentos e narrativas de vida, os objetos nesta pesquisa foram o ponto de partida para estabelecer a relação entre sujeito e sua trajetória biográfica. Os objetos foram capazes de aguçar as narrativas pessoais.

Eles permitiram uma incursão pela história pessoal. A história de uma vida, reconfigurada em recortes selecionados por uma memória com a qual aquele objeto cumpre o papel de não deixar apagar, cair no esquecimento. A partir das histórias, contadas por meio dos objetos, foram se destacando a importância da família, da religiosidade, dos vínculos, do lugar da infância, do casamento, das perdas sofridas ao longo do caminho. Os processos de escuta, análise e interpretação revelam aos poucos os modos como as vivências socioafetivas, o entrelaçamento de vidas, as heranças familiares e culturais, seus repertórios e valores, vão se perpetuando ou modificando, e delineando modos de ser e pensar a docência. Como assevera Bosi: “mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem da beleza, falam a nossa alma em sua doce língua natal” (BOSI, 1994, p. 441).

Ao considerar que há uma vida nos objetos, supõe-se que estes também possuam uma trama de experiências junto das vivências humanas, e que essas experiências, depois de vividas, convertem-se em memória sobre a ma-

trabalhos relatados por Oliveira (2006), são utilizados também baús, caixinhas e álbuns de fotografias dos professores no intuito de aguçar a memória e trazer à tona suas representações e identificações.

téria. É por essas vias que cabe aqui pensar sobre os objetos biográficos.

Em um processo rememorativo, é a partir da percepção do objeto que o sujeito se relaciona novamente com os elementos do passado que contribuíram para a constituição atual. Este movimento de caráter contemplativo – e não mais motor, no qual sujeito e objeto se relacionam de maneira utilitária – reaviva memórias que irão corroborar com a lembrança da história de vida, em busca de experiências, lembranças, esquecimentos, processos, posturas assumidas, mudanças de percurso. Nestas situações compartilhadas em forma de narrativas, os objetos são peças potentes e fundamentais para o desencadear das histórias que se dão em forma de narrativas, sem a pretensão de restituí-las em sua totalidade, mas de atribuir sentidos aos seus movimentos e perceber seus fluxos, valores e motivações.

Cartografando percursos formativos

Conforme as narrativas iam sendo compartilhadas no grupo por meio dos objetos, era possível vislumbrar os diferentes caminhos traçados por estes indivíduos; trajetórias singulares marcadas por experiências pessoais, imbricadas a tantas outras vividas na esfera profissional, em processo contínuos e cambiantes.

Josso faz uso da metáfora da viagem para descrever o modo como se dá a produção da narrativa individual sobre a própria formação, visto tratar-se de um processo que se dá ao longo do tempo, de quase uma vida. Ao criar uma narrativa de si, o sujeito empreende uma viagem,

[...] começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os aconte-

cimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui-agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que a viagem e viajante são apenas um. (JOSSE, 2004, p. 58).

Ao mesmo tempo em que estabelecemos rotas, destinos, datas e prazos em nossos projetos de vida, deparamos-nos constantemente com a necessidade de alterá-los. Partimos em direção de nossos desejos e sonhos, mas ao longo do caminho precisamos lidar com aquilo que a vida nos apresenta – seus constrangimentos, imposições, rupturas – e as nossas margens de liberdade para escolher, decidir, modificar e continuar em busca de nossos ideais, desejos e sonhos. É nesse jogo de negociação com a vida, em momentos de crise ou confrontação, de necessidade de escolhas, de mudanças de percurso, ou tomadas de posição, em que são postos em análise nossos saberes, valores e crenças, que se produzem em nós modificações importantes.

Inspirados nessa metáfora criada pela autora, investimos na elaboração de cartografias que pudessem dar visualidade a esses caminhos percorridos. A cartografia é um conceito emprestado do campo da Geografia, e se refere a um conjunto de estudos e procedimentos destinados à representação gráfica de territórios, tendo sido utilizada por várias áreas do conhecimento por proporcionar contribuições significativas como prática de pesquisa. No campo da Arte, cada vez mais encontra espaço como uma nova forma de pesquisar, que permite acompanhar o caráter processual das investigações empreendidas (CHARRÉU, 2019). Trazida para esse campo, distancia-se da ideia de construção de um

mapa como representação de lugares fixos, uma vez que pretende captar movimentos, fluxos, deslocamentos.

Busca conhecer territórios subjetivos e instáveis vividos ou inventados, uma vez que é provisório e mutável o objeto da pesquisa. O caminho de pesquisa escolhido nos coloca na posição do cartógrafo, entre objeto e pesquisa, entre o ser pesquisador e ser o objeto de pesquisa, transitando sobre os territórios simultaneamente. Costa intitula o pesquisador como “pesquisador-cartógrafo” afirmando que:

Ele se mistura com o que pesquisa, e isto faz parte de sua cartografia. A cartografia se ocupa dos caminhos errantes, estando suscetível a contaminações e variações produzidas durante o próprio processo de pesquisa. A cartografia exige do pesquisador posturas singulares. Não coleta dados; ele os produz. Não julga; ele coloca em questão as forças que pedem julgamento. [...] Cartografar exige como condição primordial estar implicado no próprio movimento de pesquisa. (COSTA, 2014, p. 71).

No campo das pesquisas em Arte, a cartografia permite investigar e registrar os aspectos

subjetivos, de uma forma inventiva e construtora. Permite que o pesquisador encontre no percurso materiais propulsores de gerar a relação inventiva e reconhedora das ramificações e desdobramentos da produção e formação de si, possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Neste trabalho, as cartografias conferem visualidade às trajetórias de vida e formação de professores de Artes (Figura 1). Referem-se às primeiras experiências com a arte, às diferentes matrizes e referências culturais familiares, aos diversos contextos educativos desde os primeiros anos da escolaridade até a graduação ou pós, aos professores ou profissionais com quem se teve contato, às motivações para escolha e permanência na profissão, às aprendizagens adquiridas na prática docente e na interação com os colegas de trabalho e com os seus alunos, aos espaços de pertencimento e às paisagens cotidianas. Registram também as paragens, retornos, retomadas, finalizações, conquistas. Revelam sentimentos, sensações, frustrações, sonhos.

Figura 1 – Síntese visual composta por seis fotografias digitais de cartografias elaboradas pelos participantes



Fonte: acervo do projeto de pesquisa.

Mais do que registrar o caminho e sua paisagens, revelam fluxos, intensidades, temperaturas, estados de espírito, sugerem desvios e apontam a possibilidade de novas rotas. Presentificam pessoas, referências, afetos e desa-fetos, profissionais ou familiares com os quais se identificam ou afastam. Respondem a eventos conflituosos dando-lhes novos desfechos. Desvelam valores, posturas, modos de pensar e agir. E, principalmente, dão sentido a este conjunto de acontecimentos, articulando-os em um enredo que faça sentido e lhe permita conhecer, assumir e intervir em sua própria história de vida. Como aponta Dominicé (2010, p. 92), no trabalho com as narrativas de formação, “[...] não é o acontecimento em si que interessa, mas sim a importância que o sujeito lhe atribui na regulação do seu percurso de vida”. O relato de umas das participantes sobre as cartografias não deixa dúvidas quanto a essa dimensão formadora e autorreguladora da abordagem biográfica:

Olhar para a trajetória formativa, frequentemente desenvolvida durante os trabalhos, fez com que houvesse uma autorreflexão sobre as minhas experiências vividas. Expor essas vivências e contar sobre elas é um processo que exige um desafio maior, o da percepção sobre elas e em como isso me afetou ou afeta. Digo afeta, pois essa é a sensação ao lembrar alguns momentos, existe uma reação sentida na pele, boas ou más, são revividas. No meu caso, vivi ali nos trabalhos uma autoavaliação dos efeitos do mestrado em Educação, que tinha acabado no ano anterior. Com uma formação em Arte, entrando em uma área diferente à que eu estava acostumada, tive que pôr na balança os desafios de um lado e todo o novo conhecimento apreendido do outro. Os trabalhos desenvolvidos ampliaram a minha percepção sobre as minhas experiências formativas, pois me ajudaram a reavaliá-las e me apropriar do que ficou de ‘meu’ com o passar do tempo (D).

Nesse sentido, é de fundamental importância destacar aqui que as cartografias, en-

tendidas por nós como narrativas visuais, não são ilustrações das narrativas orais, feitas *a posteriori*; mas uma outra forma de lembrar, narrar e narrar-se que se dá por meio e no momento da própria experiência artística. As narrativas visuais revelam nuances e sutilezas das quais o próprio autor não tinha consciência até aquele momento. Elas inclusive serviram como uma espécie de bússola individual para as narrativas orais no momento do compartilhamento com o grupo, gerando novas percepções e compreensões.

As vestimentas autobiográficas

As paisagens tão ricas e singulares que se desenharam nos instigaram a explorar outros territórios. Partimos para a elaboração de vestimentas autobiográficas, por sugestão de um de nossos orientandos de Iniciação Científica, estudante de Design de Moda.⁴ E nos encontramos em “solo fértil”, uma vez que a roupa é um elemento de grande relevância na constituição da identidade dos sujeitos. Revelando tantos aspectos biográficos, a roupa se mostrou um elemento ideal para contar uma história de vida. Como o grupo era composto majoritariamente por mulheres, a produção de algo tão pessoal como a roupa e a adoção de procedimentos de origem manual favoreceram o resgate de memórias relativas a ambientes, pessoais, eventos da infância, familiares e religiosos.

Alinhar, costurar, bordar compõem o universo familiar, principalmente feminino, desde tempos imemoriais. O têxtil também possui uma raiz histórica, cultural e social, herança passada de forma quase sempre matriarcal, seja memória palpável de origem etno-racial e social, seja resistência e persistência de mu-

⁴ Os resultados desta pesquisa de Iniciação Científica foram publicados e estão disponíveis em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2019/wp-content/uploads/2019/08/4.-EDUCAC%CC%A7A%CC%83O-A-tualizado.pdf>.

lheres na sociedade extravasando tais meios como forma de criação e voz política. São objetos que carregam valores da cultura material

que dão sentido à cultura imaterial. A Figura 2 apresenta uma síntese visual das vestimentas autobiográficas produzidas pelo grupo.

Figura 2 – Síntese visual composta por sete fotografias digitais de vestimentas autobiográficas elaboradas pelos participantes



Fonte: acervo do projeto de pesquisa.

Nas conversas travadas durante a elaboração dessas vestimentas, vimos surgir um emaranhado de lembranças, *insights*, compreensões a respeito de si e do outro, da condição feminina, das heranças familiares. Ao nos apropriarmos da roupa como suporte para as cartografias extrapolamos a sua condição de vestimenta e salientamos sua capacidade afetiva e sensorial, capaz tanto de suscitar lembranças quanto de transformar-se em um objeto artístico, portador de significados poéticos, pessoais e afetivos. A fala de outra participante é ilustrativa desse processo de olhar para si:

Percebi como os elementos da natureza são recorrentes – árvores e flores. Durante a infância, morei em chácaras e sempre visitava meus avós no sítio. Acabei lembrando disso quando vi as fotos e percebi que essas figuras aparecem bastante nas minhas produções também, não apenas nos trabalhos feitos no projeto. A repetição das cores... não tinha notado como as cores do quimono são muito parecidas com a cor da árvore que desenhei em uma das cartografias (V).

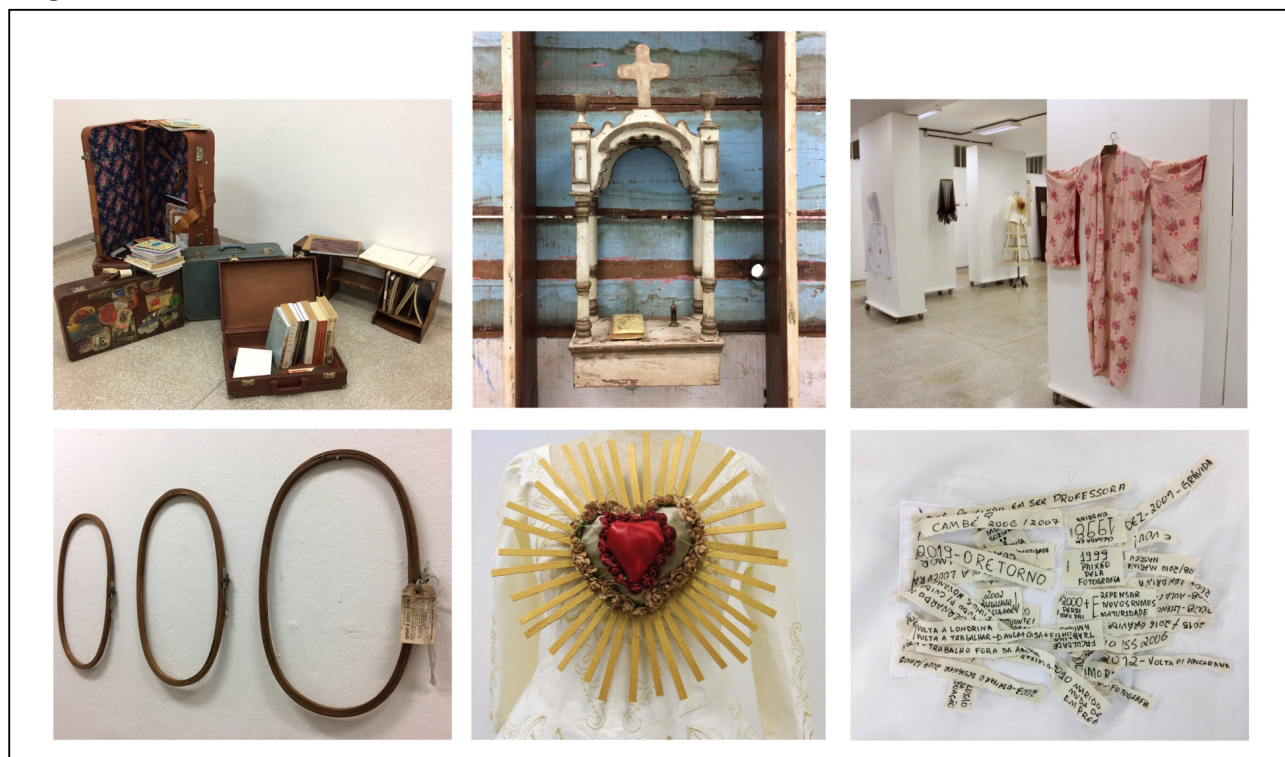
Parte deste extenso material visual produzido durante a pesquisa compôs uma exposição com caráter de instalação, uma vez que a estes artefatos (as vestimentas) acrescentaram-se outros tantos objetos pessoais de valor

afetivo, além daqueles que foram trazidos no início do processo de rememoração. A exposição intitulada “Memória das coisas: tecituras biográficas” foi organizada de forma colaborativa, envolvendo todos os participantes no processo de seleção das peças, organização e montagem (Figura 3).

As reflexões que surgiram durante todo o percurso, desde o compartilhamento das narrativas até a organização da exposição permitiram rever e problematizar nossas concepções a respeito da arte, da docência e da maneira com a qual lidamos com elas. Permitiu ainda abordar os processos de construção da

identidade do sujeito professor, artista e pesquisador, e a relevância dos dados subjetivos, sensíveis na pesquisa em/sobre arte e ensino. Mais do que apresentar os resultados do trabalho realizado no âmbito da pesquisa para uma comunidade externa, a exposição se configurou como síntese de nossas histórias de vida, oferecendo um panorama das temáticas surgidas no decorrer do processo de rememoração das experiências reconhecidas por eles como formadoras, revelando um universo de miniprocessos em constante desenvolvimento e interação, resultando na densa trama que chamamos de formação.

Figura 3 – Ensaio Visual composto por seis fotografias digitais da Exposição *Memória das coisas: tecituras biográficas*



Fonte: acervo do projeto de pesquisa.

Os foto-ensaios e a produção de sínteses visuais

Analisar os dados obtidos em um trabalho como este vai além de tabular e categorizar dados, uma vez que eles não são apenas coletados, mas produzidos durante seu desenvolvimento. Dado o caráter singular de cada

trajetória de formação, conforme já mencionado, assim como o de uma produção poética, tal como a de narrativas visuais, não é possível prever com exatidão nem a quantidade nem a forma do que será produzido previamente.

Normalmente é gerada uma grande quantidade de material a ser analisado e interpretado.

No caso da nossa pesquisa, registramos tanto o processo quanto o conjunto de objetos produzidos ou trazidos pelo grupo por meio da fotografia.⁵ A intenção primeira e evidente era registrar os dados de forma clara e objetiva. Mas também estimulamos registros mais poéticos, a partir de olhares particularizados, de diferentes perspectivas. Esse acervo de imagens foi analisado por nós, pesquisadores, e pelos nossos orientandos de Iniciação Científica do projeto, gerando diferentes reverberações – artigos publicados ou apresentados em eventos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), projetos de mestrado. Repercutiram na produção poética de alguns deles e geraram ensaios fotográficos.

Por isso, consideramos importante abordar ainda neste trabalho as estratégias que utilizamos para organizar o extenso material visual produzido. Se em todo o percurso nos permitimos trabalhar e pensar com e por imagens, novamente recorremos a elas, por suas potencialidades discursivas e aberturas a sensíveis olhares e múltiplas interpretações. Conforme Martins (2013, p. 85):

Elas criam uma condição dinâmica que pode ser, ao mesmo tempo, resistência e predisposição para que não nos acomodemos em posições – teóricas, epistemológicas, metodológicas – rígidas, afirmando a necessidade de fronteiras fluidas, interstícios, espaços de trânsito que integrem continuidades de tempos e contextos do passado e com projeções de temporalidades futuras.

As fotografias foram organizadas por categoria e por participante, de modo que pudessem ser visualizadas a partir de diferentes perspectivas no momento de análise e interpretação dos resultados da pesquisa. Os próprios participantes também foram convidados

⁵ As narrativas orais foram também registradas em áudios.

a participar desse momento, fazendo suas próprias leituras e interpretações, como veremos adiante.

Recorremos aos estudos de Ricardo Marin-Viadel e Joaquin Roldán (2012) para pensar sobre o uso de fotografias em pesquisas nas áreas de Educação e Arte. De acordo com estes autores, recorre-se à fotografia por meio de dois usos metodológicos: extrínseco – imagem como dado; e o intrínseco – imagem como pensamento visual, de forma a proporcionar ao pesquisador e ao observador dados despercebidos, novas narrativas e questionamentos, tornando o ordinário em extraordinário. A primeira forma de uso é bastante comum e utilizada há muito tempo em pesquisas; já a segunda, é relativamente recente, se dá principalmente no contexto de pesquisas de caráter qualitativo, no quais não assumem o papel meramente ilustrativas dos processos de investigação. São imagens em que falam por si, sem a necessidade de explicações ou de traduções; argumentam, sintetizam, captam situações em sua totalidade e interação, permitindo ainda novas compreensões, percepções e conexões por parte do leitor. Conforme Olga Egas: “[...] as imagens descrevem, analisam e geram situações que podem ser vistas por outros ângulos, propondo novos modelos de visualização da complexidade do conjunto da cultura material e/ou de um problema educacional” (EGAS, 2015, p. 3437).

Esses autores sugerem algumas modalidades de uso ou estruturas visuais, tais como a fotografia independente, as séries fotográficas, as foto-colagens e os foto-ensaios. Optamos por trabalhar com a última, por sua capacidade de sintetizar um processo tão rico em imagens e que dificilmente seria descrito textualmente. De acordo com os autores:

Cada uma das fotografias que configuram um foto-ensaio e, sobretudo, as interrelações que estabelecem umas imagens com as outras, com-

Na fala de uma das professoras participantes que trazemos aqui, é possível perceber que ele funciona como uma devolutiva dos resultados, e ainda gera novas compreensões:

Admito que o ensaio que você elaborou me deu uma perspectiva do meu trabalho que até então nunca tive. Acho que enquanto os produzi, não cheguei a pensá-los como uma unidade, ou como partes de um todo, e isso só foi possível com seu ensaio visual. Ainda me lembro dos momentos em que realizei cada elemento, e com o que tive contato ou no que estava pensando naquela época, como por exemplo, da forte influência da minha avó, tanto nas memórias quanto na própria construção de algumas peças. Acho que isso se reflete tanto nos objetos que elaborei, quanto na própria seleção de cores que você destacou, uma vez que são tonalidades que de imediato me fazem pensar no modo como minha avó se veste, ou nos tecidos e objetos que encontro na casa dela.

Considerações finais

Se o valor do saber experiencial ainda precisa ser devidamente reconhecido e valorizado no meio acadêmico, o que dizer da experiência artística? A educação e a arte são práticas culturais que se servem de elementos subjetivos para dar ao homem referências básicas para a condução de sua existência. O caráter cultural e simbólico da prática educativa nos leva a questionar o modelo de formação e de pesquisa científica que prioriza os aspectos técnicos e racionais e a buscar novas alternativas a esse paradigma.

Em um artigo publicado recentemente nesta revista, Josso (2020) analisa a vitalidade do paradigma biográfico em pesquisa educacionais e a necessidade de pensar em alternativas que oportunizem um território de reflexão, de busca de soluções para questões e até mesmo de apoio para questões existenciais, turbulências, incertezas e mudanças constantes como as que vivemos, especialmente aqueles

que atuam em comunidades mais vulneráveis, como é o caso de muitos professores. Alternativas que contribuam para o processo de autonomização do sujeito docente e para que o caminho de formação seja realizado com plena consciência das próprias escolhas e desafios no presente e no futuro (JOSSO, 2020).

As dificuldades vividas pelos professores em nosso país tornam a opção por uma licenciatura uma escolha cada dia mais difícil. A permanência na profissão também tem sido abalada, como revelam as narrativas que temos visto e ouvido. O que reforça a importância de se criar espaços que permitam a esses sujeitos encontrarem um sentido para aquilo que fazem. Que lhes permitam refletir sobre sua própria história, sobre as soluções encontradas pelos colegas de profissão, encontradas no cotidiano da sala de aula, e de reconhecer o valor deste tipo de saber adquirido no exercício da docência, no convívio com os alunos, com a equipe pedagógica e mesmo com a comunidade escolar. No caso desse grupo de colaboradores, os professores compartilham esses saberes experienciais construídos na escola conosco e com os estudantes e da graduação, professores em formação. E estes, compartilham os saberes mais recentes adquiridos no ambiente acadêmico, aos quais os professores nem sempre têm acesso. Criam-se redes de cooperação, de encorajamento e de resistência.

Acrescentamos a isso a necessidade de encontrar estratégias de pesquisa e de formação que possam acolher e ressignificar conteúdos tão sensíveis que nem sempre encontram palavras para emergirem, para serem vistos e ouvidos. Conteúdos íntimos e pessoais que de alguma forma interferem na atuação e identidade docente, visto que as trajetórias profissionais e pessoais estão sempre imbricadas. Assim como refletir sobre os processos identitários de seus alunos e as questões que os

circundam, com muito mais sensibilidade e profundidade.

A arte, seus processos, suas imagens, e seus fazeres e conceitos podem trazer grandes contribuições nesse sentido, não apenas para as pesquisas na própria área mas para todas aquelas nas quais a abordagem narrativo-biográfica tem se inserido. As narrativas visuais fornecem uma forma alternativa de narrar, de perceber e de interpretar conteúdos subjetivos, polissêmicos, complexos.

Referências

- ALVES, Carla Juliana Galvão; SANTOS, Natally Thayna dos. Foto-ensaios de uma investigação sobre a formação docente em artes visuais. **Revista Apotheke**, v.6, p.161 - 174, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/17994>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.
- CHARRÉU, Leonardo Verde. A cartografia e a artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística. **Diacrítica**, Braga, vol. 33, n. 1, 2019, p. 87-103.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, UFSM, vol. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago.2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010. p. 81-95.
- EGAS, Olga Maria Botelho. Metodologia artística de pesquisa baseada em fotografia: a potência das imagens fotográficas na pesquisa em educação. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 24, 2015, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: ANPAP, 2015. p. 3434-3449. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/olga_egas.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005. p. 21-42.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 13, p. 40-54, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- LIRA, Matheus Galvão; SANTOS, Natally Thayna dos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. Tecituras biográficas. In: VII Encontro Nacional de Estudos da Imagem e IV Encontro Internacional de Estudos da Imagem. **Anais...** Londrina: UEL, 2019, p. 214-227. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2019/wp-content/uploads/2019/08/4.-EDUCAC%CC%A7A%C-C%83O-Atualizado.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- MARIN-VADEL, Ricardo. Las teorías educativas también se hacen con imágenes: pesquisa baseada em artes visuais. In: MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel (org.). **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural**. São Paulo: Terracota Editora, 2018. p. 131-144.
- MARIN-VADEL, Ricardo; ROLDÁN, Joaquín. **Metodologías artísticas de investigación en educación**. Málaga: Ediciones Aljibe, 2012.
- MARTINS, Raimundo. Metodologias visuais. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 83-95.
- MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene, SOUZA, Eli-seu Clementino de (orgs.). Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação. In: **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: ED. da UFSM, 2017.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Implicar-se... implicando com professores: tentando produzir sentidos na investigação/formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino

de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 47-57.

Submetido em 15/11/2021

Avaliado em 15/05/2022

Revisado em 18/07/2022

Publicado em: 31/08/2022

Carla Juliana Galvão Alves é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro do grupo de pesquisa “Formação inicial e continuada de educadores em arte: marcas e perspectivas dos saberes e fazeres docentes”. *E-mail*: carlagalvao@uel.br

Ronaldo Alexandre de Oliveira é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro do grupo de pesquisa “Formação inicial e continuada de educadores em arte: marcas e perspectivas dos saberes e fazeres docentes”. *E-mail*: roliv1@uel.br